

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Liana Roxo Vieira

Como é bom ser vida loka:

Juventude, escola e o consumo musical do *funk*

Porto Alegre
2. semestre
2012

Liana Roxo Vieira

Como é bom ser vida loka:

Juventude, escola e o consumo musical do *funk*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Professora Doutora Rosângela Soares.

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Rosângela Soares por me acolher em um momento de desespero, onde sem ela eu não teria realizado esse trabalho.

Agradeço à professora Maria Luisa Xavier que me incentivou e me motivou a seguir em frente em momentos que eu pensava em desistir.

Agradeço aos professores e professoras da Faculdade de Educação da UFRGS, especialmente à Prof^a Carmem Machado, ao Prof. Gabriel Junqueira e ao Prof. Jorge Ribeiro que me inspiraram durante o curso.

Agradeço à UFRGS por me proporcionar vivências e aprendizagens que jamais esquecerei.

Agradeço às colegas que compartilharam essa jornada comigo, tornando-a mais prazerosa: Débora Liberato, Fabiana Pinheiro, Natalia Silva e Paula Kinast.

Agradeço à minha família, aos amigos e ao companheiro Atila Campos que sempre estiveram ao meu lado.

*“É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado.
O nosso som não tem idade, não tem raça e não tem cor
Mas a sociedade pra gente não dá valor
Só querem nos criticar pensam que somos animais
Se existia o lado ruim, hoje não existe mais
Porque o funkeiro de hoje em dia caiu na real
Essa história de porrada, isso é coisa banal
Agora pare e pense, se liga na resposta
Se ontem foi a tempestade hoje virá a bonança.”
MC's Amilcka e Chocolate*

RESUMO

O trabalho constitui-se em uma pesquisa sobre juventude e consumo musical do estilo funk. Analisa como os jovens significam o consumo de tal estilo em suas vidas e principalmente como percebem a relação da escola com esse gênero musical. Tem como objetivo compreender o que o funk representa para os jovens pesquisados e problematizar os aspectos do consumo desse estilo musical dentro da escola. A pesquisa é do tipo qualitativa com características de estudo de caso e teve como instrumentos de análise observações e entrevistas realizadas com jovens alunos em idades entre 12 e 16 anos de uma escola pública de Porto Alegre/RS. As análises dos dados estão ancoradas nos estudos de Dayrell (2002; 2007), Giroux (2009), entre outros. A partir da interação com os jovens foi possível identificar que consumo, sexualidade, pertencimento, entre outros temas estão presentes na cultura do funk. A pesquisa também identificou que o consumo do estilo musical funk é marginalizado na escola, sendo inclusive ponto de conflito entre alunos e professores. Ou seja, essa cultura juvenil não é bem vinda na escola.

Palavras-chave: juventude; *funk*; escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DOS MODOS DE FAZER PESQUISA	9
2.1 DOS PASSOS METODOLÓGICOS.....	9
2.2 DOS SUJEITOS DA PESQUISA E O TRAJETO PERCORRIDO.....	11
3 JUVENTUDE, ESCOLA E O CONSUMO DO <i>FUNK</i>	14
4 DOS CONCEITOS, (PRE) CONCEITOS E DITOS SOBRE O <i>FUNK</i> E A JUVENTUDE	17
5 ANÁLISES POSSÍVEIS	22
5.1 <i>EU LIMPO A CASA E VOU DANÇANDO E LIMPANDO</i>	22
5.2 <i>ELES NÃO GOSTAM POR CAUSA DA LETRA DA MÚSICA – PONTOS CONFLITIVOS ENTRE O <i>FUNK</i> E A ESCOLA</i>	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
7 REFERÊNCIAS	30
8 ANEXOS	32

1 INTRODUÇÃO – SITUANDO O TEMA

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa sobre juventude, escola e o consumo musical do *funk* e tem como título o nome de uma música amplamente conhecida na cena *funk*. Nesta pesquisa procuro analisar como os jovens significam o consumo do estilo musical *funk* em seus cotidianos e como percebem a relação da escola com esse gênero musical.

O interesse pela temática se deu a partir da reflexão sobre minha experiência como professora voluntária do Programa Mais Educação, no ano de 2011, em uma escola pública de Porto Alegre. Neste programa, que se constitui como uma estratégia do Governo Federal para a promoção da educação integral no Brasil, eu desenvolvia oficinas de informática no turno inverso das aulas com alunos de 2º a 5º ano. A instituição referida está situada no bairro Jardim Botânico, zona leste da cidade e atende, principalmente, alunos oriundos da vila popularmente chamada de “Cachorro Sentado”. Muitos desses estudantes vivem em situação de vulnerabilidade social, convivendo com o tráfico de drogas, mortes e tiroteios seguidamente. A maioria dos alunos são oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo que vivem de subempregos ou estão desempregados.

A escola atende aproximadamente 600 estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e funciona nos turnos manhã, tarde e noite. Pela manhã e tarde funcionam o Ensino Médio e o Ensino Fundamental e à noite, o EJA – Educação de Jovens e Adultos. A instituição é ampla e constituída por pavilhões, onde encontramos, além de salas de aulas, sala de informática, biblioteca, sala de vídeo, banheiros, refeitório e quadras esportivas de vôlei e futebol.

Durante o período em que trabalhei nessa escola, procurei estabelecer uma boa relação com os alunos, já que eles eram vistos por alguns professores como “rebeldes”, “indisciplinados”, entre outros. Ao decorrer do tempo fui conhecendo-os mais de perto, descobrindo suas preferências, seus medos, desejos e outras particularidades que só são conhecidas por meio do convívio.

Ficava visível que o estilo musical preferido da maioria dos jovens com que trabalhei era o *funk*. A visibilidade se dava através das rodas que os jovens

formavam nos intervalos das aulas para ouvir, dançar e trocar músicas do celular via *bluetooth* e dos acessos frequentes ao site *youtube* para a visualização de clipes desse gênero musical.

Chamava-me a atenção a paixão de alguns jovens pelo funk. Ouvir *funk* reunia a “galera”, animava os alunos. Era um momento de socialização e diversão. A relação de alguns jovens com o estilo musical era/é tão intensa que ficava explícita no modo de falar e se vestir. Eles se espelhavam nos MC’s¹ que admiravam, sonhando inclusive, em serem famosos como eles.

Pautada nessa experiência, passei a cogitar a possibilidade de tomar os jovens e suas relações com o *funk* como objeto de investigação. Então, nada mais coerente do que retornar a esta escola, onde essas relações ficavam evidentes e eu teria mais facilidade de circulação. O vínculo já estabelecido com os alunos tornaria mais simples o processo de investigação, fazendo com que eles expressem suas opiniões, ideias e argumentos de forma mais rica, fator importante, já que a pesquisa visa problematizar as perspectivas dos sujeitos analisados.

Para problematizar essas questões, a pesquisa tem como objetivos principais compreender o que o *funk* representa para os jovens pesquisados e analisar como o *funk* opera no modo ser jovem. O trabalho pretende, ainda, analisar, a partir da perspectiva dos alunos, os aspectos relacionados ao consumo musical do estilo *funk* dentro da escola.

Com o intuito de organizar o trabalho, divido-o em cinco capítulos. No primeiro capítulo apresento a metodologia utilizada, a fim de situar o leitor sobre os instrumentos utilizados na investigação, o caminho percorrido para a obtenção de dados e os sujeitos da pesquisa, tão essenciais para a realização desse trabalho.

No segundo capítulo, escrevo sobre a escola e a cultura juvenil, inserindo o *funk* neste contexto e relatando sua repercussão dentro da escola. No capítulo seguinte, apresento os ditos sobre o *funk* e a juventude, apontando aspectos históricos e atuais.

Após apresento as análises sobre a relação dos jovens com o *funk* e os pontos conflituos desse gênero musical dentro da escola, trazendo possíveis

¹ MC (abreviatura de *Master of Ceremony*, mestre de cerimônia em português) – são chamados de MC’s cantores de funk e rap. MC Koringa e MC Naldo são alguns MC’s famosos na cena funk.

reflexões em torno do tema. Por último, retomo algumas reflexões que julgo serem mais significativas do trabalho para algumas considerações finais.

2 DOS MODOS DE FAZER PESQUISA

2.1 DOS PASSOS METODOLÓGICOS

Ao planejar a implementação de uma pesquisa, é necessário estabelecer algumas perguntas norteadoras, tais como: Qual será minha problemática? Qual a relevância para o campo educacional? Quais serão os meus objetivos? Escreverei a partir de qual perspectiva teórica? Quais os instrumentos e estratégias utilizadas no processo de investigação? Essas e outras perguntas vão sendo construídas e respondidas ao longo da pesquisa. Braga ressalta que a construção do problema de pesquisa

é um processo de elaboração que pode se desenvolver em várias fases diferentes da própria pesquisa – evoluindo na medida em que estudamos autores, fazemos pré-observações e pensamos metodologicamente sobre como abordar nosso “objeto” (BRAGA, 2003, p. 8).

Dúvidas e ansiedade predominam nesse momento inicial da escrita. Aos poucos, através de leituras, tanto sobre metodologia como sobre o tema a pesquisar, as ideias vão surgindo e a pesquisa vai tomando corpo. Durante toda a pesquisa e principalmente nesse período inicial, um fator se apresenta como principal motivador: a curiosidade. É ela que vai nos motivar a ir atrás de autores e ler extensos textos sobre a temática pesquisada, é a partir dela que vamos formular as perguntas para as possíveis entrevistas. O tema de pesquisa precisa ser de interesse do pesquisador.

Depois das primeiras delineações, é preciso aprofundar as questões, definindo os princípios teórico-metodológicos e os métodos de pesquisa.

Após essas considerações iniciais, apresento como foi desenvolvida a presente pesquisa.

A pesquisa realizada neste trabalho é do tipo qualitativa, com características do estudo de caso, que de acordo com Godoy (1995, p.25) “visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma

situação em particular”, ainda segundo a autora, o estudo de caso “tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista” (p.26). O estudo de caso pressupõe a análise de um contexto específico, retratando a realidade de forma contextualizada e profunda, visando à descoberta (MENGA; LÜDKE, 1986).

Os instrumentos de análise utilizados nesta pesquisa foram entrevistas e observações. A escolha pela utilização das entrevistas se deu pelo fato que esta possibilita “assegurar informações em maior profundidade do que poderia garantir um instrumento com questões fechadas” (ZAGO, 2003, p. 298). As entrevistas foram realizadas com cinco jovens com idades entre 12 e 16 anos e ocorreram em dois pequenos grupos, com o intuito que os alunos interagissem durante a entrevista, expondo com mais facilidade suas concepções. O roteiro da entrevista foi elaborado previamente com o intuito de apreender a perspectiva dos jovens sobre o consumo do *funk* e os significados que assume esse estilo musical na escola. As entrevistas tiveram um tom informal e agradável, visto que, como já mencionado, nos conhecíamos e tínhamos um bom vínculo. As conversas foram gravadas e transcritas por mim para melhor visualizar as respostas. Zago ressalta a importância da gravação do material:

esse registro tem uma função também importante na organização e análise dos resultados pelo acesso a um material mais completo do que as anotações podem oferecer e ainda por permitir novamente escutar as entrevistas, reexaminando seu conteúdo (ZAGO, 2003, p. 299).

A gravação da entrevista e a possibilidade de retornar à ela através da escuta, proporcionou, ainda, retomar alguns aspectos da entrevista com os jovens e aprofundar algumas questões. A partir da primeira entrevista, denominada como exploratória surgiram outros aspectos pertinentes à pesquisa.

As observações foram realizadas na escola que frequentam, com o intuito de investigar como esses jovens se relacionam com o *funk* dentro da escola, em momentos como a entrada, o recreio, os intervalos entre uma aula e outra e na saída da escola.

As análises dos dados estão ancoradas nos estudos de teóricos como Dayrell (2002; 2007); Giroux (2009); Vale e Salles (2010), entre outros.

As análises feitas por mim são passíveis de questionamentos, visto que não há verdades absolutas e sim uma interpretação das narrativas dos jovens. Louro explica que

o modo como pesquisamos e, portanto, o modo como conhecemos e também como escrevemos é marcado por nossas escolhas teóricas e por nossas escolhas políticas e afetivas [...] A eleição de um determinado caminho metodológico está comprometida com as formulações teóricas que se adota (LOURO, 2007, p. 213-214).

Portanto, o olhar e as ações do pesquisador sobre os sujeitos pesquisados não tem como serem neutras. As formas de ver o mundo são levadas durante o andamento da pesquisa e não há como separar o olhar do pesquisador da pesquisa. De alguma forma, não necessariamente voluntária, o comportamento de quem pesquisa interfere no comportamento dos sujeitos pesquisados.

2.2 DOS SUJEITOS DA PESQUISA E O TRAJETO PERCORRIDO

Os jovens analisados nesse estudo foram escolhidos por mim. Para compor o grupo, optei por entrar em contato com jovens que eu já tivesse algum vínculo e que fossem adeptos ao *funk*. Para tanto, elegi cinco meninos que sabia que constantemente escutavam *funk*. Não sei bem o porquê, mas optei só por meninos, e de alguma forma quando pensava em quem poderia entrevistar, pensava nesses cinco meninos que haviam sido meus alunos no ano de 2011.

Primeiramente, fiz contato com direção da escola, explicando a pesquisa e solicitando autorização. A supervisora da instituição recebeu-me muito bem e me disponibilizou o espaço de uma sala que não estava sendo utilizada. Após, contatei com os jovens escolhidos e para minha surpresa, descobri que dois deles estavam estudando no turno da tarde, um não estava presente naquele dia e o outro, havia desistido de estudar.

Imprevistos à parte, resolvi mudar os planos. Já não tinha tempo para esperar. Foi então que conversei com o único menino, dentre os escolhidos por mim, que estava disponível: Marcos² e ele aceitou participar da pesquisa.

² De modo a respeitar os preceitos éticos de pesquisa como também a identidade dos sujeitos entrevistados nesse estudo, optei por utilizar nomes fictícios para me referir aos jovens pesquisados.

Enquanto conversava com ele, vários ex-alunos foram se aproximando, foi aí que vi Natalia e Andressa e logo lembrei o quanto gostavam de escutar e dançar *funk*. Chamei-as, expliquei a pesquisa e solicitei suas participações. Elas aceitaram imediatamente, dizendo que se era sobre *funk* elas topavam.

Algumas semanas depois, após ter me aprofundado em leituras sobre metodologia e entrevista, retornei à escola para iniciar de fato a pesquisa. Chegando lá, mais um imprevisto: a aluna Natalia não havia comparecido à aula. E agora, o que fazer? Resolvi então solicitar a participação da Camila, outra ex-aluna, que também gosta de *funk*.

Essas situações inesperadas não me desanimaram, visto que “o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme planejado e desse modo está sujeito a sofrer um processo de constante construção” (ZAGO, 2003, p. 293).

Encaminhamo-nos então para a sala disponibilizada pela supervisora para a realização da entrevista. Ao entrarmos, pedi que ficassem a vontade e sentassem onde e do modo que quisessem. Depois expliquei mais detalhadamente o porquê de eu estar ali e quais eram as minhas intenções, pois “desde o momento inicial é fundamental esclarecer os objetivos da pesquisa, o destino das informações, o anonimato de pessoas e lugares, além do horário do encontro e o tempo provável de duração” (ZAGO, 2003, p. 303).

Conhecê-los previamente facilitou muito a discussão, que foi carregada de risadas e menções às letras de músicas de *funk*, contribuindo para compreender melhor o que eles estavam expondo.

Quando fui realizar a segunda entrevista, com outros alunos, outro imprevisto: o aluno Leonardo não havia comparecido à escola. Desta vez optei por ir embora e voltar no dia seguinte, pois considerava que a entrevista com Leonardo seria importante, visto que a relação dele com o *funk* ficava ainda mais explícita (pela maneira de se vestir, pelos acessórios que utiliza e pela linguagem que usa) que a dos outros jovens. No dia seguinte, realizei a entrevista com Leonardo e Pedro. Esta entrevista teve caráter mais formal, talvez por eles serem um pouco mais velhos que os outros entrevistados. Porém, foi muito produtiva para auxiliar nas análises que se pretendia fazer. Abaixo, uma pequena apresentação de cada um dos jovens:

Marcos é um menino de 14 anos que mora no bairro Jardim Botânico com o pai, a madrasta e três irmãs mais novas. Na escola, é daqueles alunos “populares”, que todos conhecem e gostam. Ele já reprovou um ano e é visto por alguns professores como um aluno “bagunceiro”. Como disse na entrevista: *escuto funk o dia inteiro, de manhã, até...*

Andressa tem 12 anos e está no 5º ano. Mora na vila “Cachorro Sentado” com os pais e dez irmãos, sendo apenas dois mais novos do que ela. Já frequenta bailes *funk*, principalmente o da comunidade, que ocorre em uma sede do bairro aos finais de semana.

Camila tem 13 anos, assim como Marcos, seu namorado, está no sexto ano e mora no bairro Jardim Botânico. Ela mora com sua mãe, seu padrasto e sua irmã recém-nascida. Disse que escuta *funk* dentro da sala de aula, com fones de ouvido e põe capuz na cabeça para escondê-los.

Leonardo é bem extrovertido. Aos 15 anos e cursando também o 1º ano já pensa no curso de química que pretende fazer. Ele mora com seu pai e tem três irmãos que moram com sua mãe. O *funk* está muito presente em sua vida e é externalizado através de suas roupas, acessórios e falas durante a entrevista.

Pedro tem 16 anos e está no 1º ano do Ensino Médio. Ele mora com seus pais e um irmão mais novo na vila “Cachorro Sentado”. Sonha em ser jogador de futebol, mas por enquanto trabalha como auxiliar de pedreiro durante a tarde. Ele frequenta bailes *funk* da vila “Tuca” e considera o *funk* como uma forma de se expressar.

3 ESCOLA, JUVENTUDE E O CONSUMO DO *FUNK*

A escola, desde sua criação, teve papel fundamental no campo histórico e político do país. Os múltiplos aspectos e funções colocados sobre ela: moralizadora, socializadora, transmissora de conhecimentos, têm sido centrais nos debates e estudos produzidos por teóricos educacionais. Segundo Silva, Silva e Freitas

a instituição escolar configura-se, na atualidade, como um *locus* primordial na educação dos indivíduos, além de ser, ela mesma, um espaço sociocultural onde convivem grupos em um processo contínuo de construção e reconstrução de suas identidades. Em outras palavras, a escola não apenas transmite conhecimentos historicamente acumulados, ela também produz identidades culturais (SILVA, SILVA e FREITAS, 2012, p. 3).

As identidades produzidas pela escola não são quaisquer identidades, o que a teoria educacional tem apontado é que tais identidades são marcadas pela seleção de determinados valores e saberes, de acordo com padrões e normas relacionados à classe social, ao gênero e a raça/etnia, entre outros marcadores sociais. De acordo com Meyer e Soares (2012):

Desde sua constituição, a escola moderna é marcada por diferenças e está implicada, também, com a produção dessas diferenças. Embora não seja possível atribuir a ela toda a responsabilidade pela construção das identidades sociais, ela continua sendo, para crianças e jovens, um local importante de vivências cotidianas específicas e, ao mesmo tempo, plurais. (MEYER e SOARES, 2012, p.43).

Apesar desses temas não serem recentes não significa que sejam temas fáceis. Ao contrário, operar com a diversidade cultural é cada vez mais um tema que se complexifica no decorrer da história. Por diversos motivos, a escola encontra dificuldades em integrar suas práticas educativas cotidianas com a diversidade cultural trazida por seus alunos. Louro (1995) aponta que as práticas educativas e de poder que se desenvolvem em nossa sociedade se dão também entre gerações: adultos e crianças, jovens e velhos. Porém, a cultura juvenil é outro aspecto que parece não ser bem-vindo à escola. As condições culturais em que vivem os jovens, como coloca Giroux (1996), são quase totalmente ignoradas por professores e professoras.

A escola pública, mais do que a escola privada, convive com alunos oriundos de diversas camadas e lida com uma heterogeneidade de culturas.

Nesse sentido, incorporar essas diversas culturas e acima de tudo, respeitá-las torna-se um desafio para a escola que “ainda domina uma determinada concepção de aluno gestada na sociedade moderna” (DAYRELL, 2007, p. 1119).

A cultura juvenil, vista pela escola como uma ameaça à ordem, muitas vezes é caracterizada como perigosa, tornando-se um problema social. Há uma tendência de se realizar um controle moral, uma repressão preventiva e uma interminável vigilância para amenizar os possíveis estragos cometidos pela juventude. Há também a tentativa de cuidá-los e mantê-los sempre ocupados para que não se desviem daquilo que lhes é imposto. Green e Bigum (1995) trazem um retrospecto da visão de juventude:

a juventude era, antes, vista como algo do qual, ao final, a pessoa acabava se livrando, como um estágio temporário no movimento em direção à normalidade, a ser superado na totalidade, na completude da fase adulta. Essa passagem tornou-se agora carregada de uma incerteza arbitrária. Cada vez mais alienados/as, no sentido clássico, os/as jovens são também cada vez mais alienígenas, cada vez mais vistos como diferentemente motivados/as, desenhados/as e construídos/as (GREEN e BIGUM, 1995, p. 212).

Desde a época em que eu lecionava para esses jovens, algo me inquietava. Era nítido que a escola reprimia o *funk*, proibindo que os alunos escutassem esse gênero musical na escola, argumentando que as letras das músicas eram “indecentes”. Eu ficava pensando como a escola legitima certas atitudes, preferências e hábitos e exclui outros, nesse caso, o *funk*. Por que “menosprezar” um estilo musical apreciado pelos jovens? Por que tentar evitar que o *funk* seja consumido pelos jovens? Por que não incorporar a cultura popular dos jovens na escola a fim de viabilizar um planejamento contextualizado e significativo aos alunos? Por que reprimir ao invés de compreender os fatores culturais que os levaram a consumir esse estilo musical?

O consumo do *funk* entre os jovens pesquisados vai além de sua geração, pois suas famílias também apreciam esse gênero musical, como podemos perceber em uma das falas de Marcos durante a entrevista: *meu pai sim, meu pai sai de carro com funk, meu pai põe no carro aquela: aaah, eu*

*mato, se eu ver alguma piranha dando mole pro meu macho*³. Camila também comenta a relação da mãe com esse estilo musical: *minha mãe diz que não gosta, aí eu ponho e quando vê ela tá dançando*. Essas falas nos mostram o quanto o *funk* está presente na vida desses jovens, não apenas nas redes de amizade, como também no âmbito familiar.

Os aspectos culturais da classe popular, em geral, são discriminados e negados pela escola. O que podemos perceber é que os alunos e suas respectivas famílias, por vezes, são consideradas como desestruturadas e carentes de políticas públicas.

Giroux (2009) ao tematizar sobre juventude e escola ressalta que “a natureza modernista da escola pública é evidenciada na recusa dos educadores de incorporar a cultura popular nos currículos” (p.111). Essa é a maior dificuldade das escolas e deve ser o ponto crucial de debates sobre educação pública e juventude.

Compreendo que o *funk* é carregado de rótulos negativos e que ele proclama assuntos que a sociedade tenta silenciar, talvez até por não saber como abordar tais temas, contudo considero que ele não deve ser negado ou evitado pela escola já que faz parte da cultura juvenil.

A escola deveria ser um espaço de liberdade de expressão, de trocas de idéias, de debates de assuntos pertinentes aos alunos, mas “é comum que a realidade cultural desses alunos seja invisibilizada pelas práticas educativas” (SILVA, SILVA e FREITAS, 2012, p.2). Tais práticas esquecem o “jovem” existente no aluno, como se os alunos fossem seres sem cultura, sem um tempo histórico, sem um contexto de vida.

Cada vez mais se torna necessário a imersão do professor na vida do aluno, a fim de estimulá-lo a sentir prazer de estudar, buscar conhecimento e ver a escola como significativa e parte constituinte de sua vida, mas o que percebemos é que

para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas (DAYRELL, 2007, p. 1106).

³ As falas dos jovens pesquisados, títulos de músicas, bem como trechos de letras de *funk* serão grifadas em itálico.

Os alunos, e os jovens especificamente, têm muito a contribuir dentro da escola, mas é preciso olhar para eles, no sentido de perceber suas necessidades e potencialidades. É preciso conhecer a cultura dos educandos, os seus gostos, suas aspirações, suas formas de organização social, seus modos de ver o mundo. A escola é um espaço propício para a realização dessa tarefa, pois os jovens “trazem para dentro da escola outros conhecimentos, através de seus referenciais culturais construídos, e expressam muito de suas práticas culturais, que acontecem além dos muros da instituição escolar” (CUSTÓDIO, 2011, p. 7). Porém, para que isto aconteça, é imprescindível estar atento a essas práticas e mais do que isso estar preparado para percebê-las enquanto manifestações culturais importantes de serem incorporadas dentro das instituições escolares.

4 DOS CONCEITOS, (PRE) CONCEITOS E DITOS SOBRE O *FUNK* E A JUVENTUDE

A música, em geral, é um instrumento que une, emociona e cativa as pessoas. Ela tem o poder de fazer com que relembremos fatos do passado, tem a capacidade de alegrar-nos em um momento triste, habilidade de comunicar ao mundo desejos, insatisfações, medos e tantos outros sentimentos. Flores afirma que a música é:

um forte meio de passar idéias e também um instrumento que agrega pessoas, representando grupos sociais. Através da música, comunica-se, são expressos sentimentos, crenças, aspirações e verdades (FLORES, 2011, p. 21).

Apreciar o mesmo estilo musical cria certa identidade, um sentimento de pertença a um grupo. Garbin ressalta que

a identificação musical dos/as jovens está frequentemente ligada com um grupo particular, uma tribo, assim como a música popular está relacionada a estilo de roupas, expressão de sexualidade e, mesmo, identificação racial (GARBIN, 2000, p. 8).

No caso dos jovens, esse grupo normalmente é formado na escola, onde passam grande parte de suas vidas. Na escola fazemos amizades, conhecemos pessoas com afinidades semelhantes à nossa e por vezes

criamos vínculos para além do período de permanência na escola. Dayrell (2007, p.1111) salienta que a “turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocamos ideias’, buscamos formas de se afirmar diante do mundo adulto”.

Ao argumentar que um compartilhamento musical pode construir grupos de pertencimento, não estou sugerindo que todos os jovens vivam da mesma forma. Cada sujeito tem suas particularidades e modos de ser singulares. O que me interessa é mostrar que a preferência por certo estilo musical torna-se um elemento identitário e, com isso, apontar as particularidades do grupo de jovens desta pesquisa, pois acredito que a juventude não é uma categoria absoluta em si mesma, “não existe uma juventude, mas juventudes, no plural, enfatizando, assim, os diversos modos de ser jovem na nossa sociedade” (DAYRELL, 2002, p.4). Com isso, posso afirmar que se constitui uma identificação, como explica o trecho abaixo:

A identificação com determinados ritmos musicais e suas letras acaba fazendo com que os jovens assumam uma maneira peculiar de viver que é exteriorizada nos estilos das roupas, gêneros musicais, participação em grupos, os quais funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para os outros (SILVA, SILVA e FREITAS, 2011, p. 8).

Essa condição fica evidente nos jovens analisados, visto que o modo de se vestir, de falar e andar são compartilhados por outros jovens dentro da escola que também escutam *funk*.

O *funk* teve muitas mudanças desde o seu nascimento. Ele surgiu no subúrbio de Nova York, no final dos anos 60 e “radicalizou o soul, empregando ritmos mais marcados e arranjos mais agressivos” (DAYRELL, 2002, p. 125).

No Brasil, a difusão do *funk* ocorre na década de 70, principalmente no Rio de Janeiro. Mas é a partir dos anos 80 que o *funk* começa a ganhar forças no cenário musical. Nessa época, os bailes *funk* eram organizados por equipes que começaram a crescer e adquirir aparelhagens mais sofisticadas. Já na década de 1990, o *funk* se espalha pelo país, ganhando repercussão nacional e atraindo muitas pessoas.

De acordo com Flores (2011, p.25) “foi então que a indústria fonográfica partiu em busca de equipes para gravar discos no Brasil. Surge o *funk* nacional

com o lançamento do disco da equipe Furacão 2000". Depois desse lançamento, o crescimento do estilo musical *funk* não parou mais.

Atualmente, o *funk* apresenta uma nova configuração e está se popularizando para além da periferia e sendo mais bem aceito entre outros grupos. Basta olhar na mídia o quanto tem sido mencionado e tocado as músicas de *funk* em novelas e programas de televisão. A música *Pra me provocar* cantada por MC Koringa recentemente fez parte da trilha sonora de uma novela da TV Globo. Este mesmo MC, juntamente com o MC Naldo, cantou em programas como Caldeirão do Huck e TV Xuxa, também transmitidos pela Rede Globo. Em um especial de fim de ano, o cantor Roberto Carlos cantou com o MC Leozinho a música *Se ela dança, eu danço*, interpretada pelo MC e que teve grande sucesso em 2006. A emissora SBT também exibiu um programa no qual MC Rodolfinho cantou suas músicas.

Isso mostra que o *funk* se expandiu, saiu do subúrbio. Além da repercussão na mídia, recentemente dois MC's tocaram com a orquestra Jazz Sinfônica em um evento promovido pelo Ministério da Cultura no estado de São Paulo. Essa iniciativa demonstra que o *funk* está aí, sendo frequentemente consumido por diversos jovens e sendo incorporado pela mídia e por setores sociais que representam o país.

Constatações como essas nos fazem perceber o movimento de institucionalização desse estilo musical. Esse estilo que antes era consumido apenas pelas classes populares passa a ser recorrente em festas de classes mais abastadas. Ele deixou de ser produzido na periferia para a periferia. O *funk* assume um caráter de entretenimento, distração, contagiando muitas pessoas. É claro que o *funk* continua predominantemente na periferia, mas tem, ou trazido a classe média/alta para a favela ou levado, de alguma, forma esse estilo para as festas mais elitizadas. Esse movimento está atrelado à expansão do *funk*, ou seja, se o *funk* está sendo consumido por outras classes sociais, conseqüentemente, haverá pessoas investindo para que ele esteja presente em outros espaços.

O *funk* em Porto Alegre está em constante ascensão. A cena *funk* na cidade está presente em diversas danceterias, há algumas casas noturnas específicas de baile *funk* e outras que oferecem diversos gêneros musicais, incluindo o *funk*. Há outros espaços que eventualmente promovem eventos

com shows de MC's, como por exemplo, escolas de samba. Ele também está presente em programas de rádios comerciais. A produção local ainda é restrita, pois muito do que se ouve é produzido no Rio de Janeiro, onde o gênero é mais difundido. Mesmo com a crescente visibilidade na mídia e a tentativa de diminuir o preconceito em relação a esse estilo, ainda vemos, muitas vezes, o *funk* e os bailes *funk* relacionados à violência em reportagens jornalísticas e outros meios de comunicação. Em uma rápida visita ao site de pesquisa Google, por exemplo, não encontramos muitas menções ao funk e as poucas encontradas se referem à violência e mortes.

Não é incomum o *funk* ser associado às drogas e à violência, à exaltação da sexualidade, à depreciação da mulher perante o homem. As críticas que trago aqui obviamente são distintas. É possível identificar críticas que apresentam um caráter mais moralista, que relaciona os consumidores de *funk* com a marginalidade e a imoralidade e outra crítica que se filia às questões de gênero e aponta o *funk* como reprodutor de desigualdades, onde a imagem feminina aparece em tom depreciativo. Jornais, revistas, programas televisivos e vídeos na internet comumente mencionam apenas esse caráter do *funk*, a face “má”, menosprezando o estilo musical e os sujeitos que o consomem. Esses discursos constroem sentidos e marcas, definem quem são e como são os jovens que escutam esse tipo de música, produzindo assim, uma identidade funkeira e seus efeitos discriminatórios, que colocam os jovens consumidores de tal estilo musical como inadequados, indisciplinados, carentes afetivos e intelectuais, com famílias desestruturadas, enfim, caracterizando-os como portadores de uma patologia.

Esse tom apocalíptico colocado sobre o *funk* e seus consumidores talvez possa ser explicado pela forma com que se popularizou. Vianna (1996) afirma que o funk era desconhecido até acontecer o “arrastão” em outubro de 1992 na praia do Arpoador, no Rio de Janeiro. Os sujeitos envolvidos foram identificados como dançarinos de baile *funk* que depois do ocorrido “passou a ser visto como um fenômeno, antes de qualquer coisa, violento. A violência, e não a diversão, se transformou na sua principal marca, e os funkeiros foram estigmatizados” (VIANNA, 1996, p.183). Guimarães (1997) também comenta esse acontecimento:

A ideia do “arrastão”, graças em boa parte à concorrência da mídia, contribuiu ainda para que as galeras e funkeiros passassem a aparecer sempre relacionados à temática da violência e, de modo particular, às quadrilhas de traficantes de drogas (GUIMARÃES, 1997, p. 201).

Diante de tantos discursos negativos sobre o *funk* e sobre seus consumidores, cria-se um preconceito contra esse estilo musical, sem ao menos problematizar os aspectos e o significado do *funk* para esses sujeitos. Mas o que será que pensam os sujeitos apreciadores desse estilo musical? Será que concordam com o que diz a mídia? Qual será o significado do *funk* para eles? Não seriam eles que deveriam narrar sobre si mesmos?

Essas questões são inspiradoras para este trabalho. Elas podem ser remetidas ao espaço escolar: Em que espaços, em que práticas escolares os jovens expressam sua cultura? Por que persiste o tom apocalíptico na fala dos professores quando se trata de cultura juvenil? Como estudantes rejeitam, organizam e/ou aderem aos diversos significados colocados sobre eles, num determinado espaço escolar?

Talvez antes de criticar deva ser necessário compreender que o *funk* se apresenta como uma das formas de expressão da cultura juvenil, tornando-se assim uma manifestação cultural. Os temas presentes nas letras de *funk*, apesar de serem criticadas, não deixam de expressar dados da sua própria cultura, presentes no dia a dia da periferia. Violência e drogas são elementos recorrentes tanto nas músicas quanto na vida real da periferia, motivo pelo qual se torna compreensível a alusão a esses elementos.

Nesse sentido, se torna pertinente a reflexão sobre quais os fatores culturais e sociais levam os jovens, e não só eles, a essa adoração pelo mundo *funk*, buscando apreender os significados atribuídos a esse estilo musical enquanto componente constitutivo de identidades juvenis.

Além disso, o *funk*, assim como outros estilos musicais, apresenta um caráter de socialização entre os jovens, “porque a música é um elemento importante nas práticas de sociabilidade dos jovens, conferindo tonalidades às formas de interação entre seus pares e com a sociedade” (SILVA, SILVA e FREITAS, 2011 apud SEREN, 2011). A música, e nesse contexto, o *funk* se torna um canal potente de comunicação entre os jovens.

5 ANÁLISES POSSÍVEIS

As análises dessa pesquisa foram divididas em dois momentos. Num primeiro momento, apresento as percepções dos jovens sobre o *funk* e aspectos relacionados a ele, focando no que este estilo musical representa para os sujeitos da pesquisa como também algumas análises críticas que os jovens percebem principalmente no conteúdo das letras. Nesta parte surgem questões como violência, sexualidade, consumo, drogas, pertencimento, lazer e alegria. Num segundo momento, me detenho aos aspectos conflitivos do *funk* dentro da escola.

5.1 EU LIMPO A CASA E VOU DANÇANDO E LIMPANDO

Como expressa a frase acima mencionada por Pâmela, o *funk* se apresenta como uma forma de distração. Pelo rádio, internet, celular, enfim, de alguma maneira o *funk* se faz presente no dia a dia de cada um deles. Durante a entrevista, Lucas comenta essa relação com o gênero musical: *Eu escuto o dia inteiro, eu me sinto melhor ouvindo funk, me sinto mais seguro*. Na rua, em casa, na escola, no trabalho e em todos os locais possíveis o *funk* é escutado. Pâmela diz que escuta diariamente o “bonde da eldorado”, programa de uma rádio comercial de Porto Alegre que toca apenas *funk*. Os jovens relatam escutar *funk* também em DVD’s, onde aparecem os shows dos MC’s. Gabriel comenta que o *funk* faz parte de sua vida. Uma festa sem *funk* não seria uma festa, pois é ele e com ele que os jovens se divertem, são motivados a dançar pela batida frenética desse estilo musical, se sentem alegres e livres como mencionam Gabriel e Lucas. Essas primeiras entrevistas tiveram um sentido exploratório para saber o que os jovens achavam sobre o *funk*, procurando compreender o que este representa para eles. Durante as entrevistas e observações ficou nítida a intensa relação desse grupo de jovens com o *funk*.

O *funk* se apresenta como “fenômeno musical de massa, fortemente centrado na diversão” (GUIMARÃES, 1997, p. 201), assumindo centralidade em suas vidas. O *funk*, nesse sentido, representa um caráter de pertencimento, um elemento identitário perante a sociedade. Porém Dayrell (2002, p.132) ressalta que “ser *funkeiro* não implica um conjunto de valores e

comportamentos comuns, como uma ‘religião’, mas constitui uma forma determinada de vivenciar as demandas dessa fase da vida”. De acordo com os entrevistados, ouvir *funk* não determina um modo de ser jovem, mas agrupa pessoas com preferências em comum, através da música. Como exemplo, trago a fala de Pâmela quando afirma que o *funk* une as pessoas: *sim, se tem uma rodinha ali e liga funk, vem todo mundo.*

Por meio das observações feitas durante o recreio também é possível ilustrar essa afirmação, pois os *funkeiros*, seguidamente, ficavam reunidos no saguão coberto da escola ou ao lado da quadra de futebol escutando funk com fones de ouvido e ensaiando passos de dança. Eles formavam pequenos grupos compostos tanto de meninos, quanto de meninas. Nesses momentos, também comentavam sobre algum baile *funk* que foram no final de semana, mostravam alguma música nova que baixaram em seus celulares, cantavam e viviam o mundo *funk*.

Nesse contexto,

a música é inscrita como elemento importante onde as formas de comportar-se, de vestir-se, de assumir determinadas posturas corporais, sentimentos de pertencimento e o jogo de rivalidade entre os grupos são configurados (VALLE e SALLES, 2010, p. 366).

O *funk*, nesta escola, assume papel fundamental na sociabilidade dos jovens, criando laços de pertencimento e motivando a construção de grupos. A música e a identificação com o *funk* parecem contribuir para a ampliação das redes de amizade.

Quando questionados sobre o que acham mais legal no *funk*, Marcos responde: *a batida*. Ela faz os sentirem alegres e com vontade de dançar, de “curtir”. Mas Lucas salienta que as letras das músicas também são importantes, pois é através delas que se relata a realidade da periferia. Para ele o *funk* representa liberdade de expressão, já que “a identidade do *funk* é a oferecida pelo estilo de possibilidades de viver e expressar as pulsões, os desejos e as necessidades que caracterizam a condição juvenil” (DAYRELL, 2002, p.132). O *funk* é um estilo musical “sem pudor” que retrata múltiplos aspectos, não podendo ser classificado como restrito a certo tema. Ele retrata questões do cotidiano da favela, desejos de consumo, sonhos de vida, anseios de reconhecimento pessoal perante a sociedade, entre outros.

Diante desses aspectos, fica evidente que o *funk* representa muito mais do que um estilo musical para os jovens pesquisados. Ele representa uma forma de viver e experienciar situações do cotidiano. Representa uma certa identificação diante da sociedade, que os classifica de acordo com o gênero musical que escutam. O *funk*, apreciado na maioria das vezes por pessoas jovens, expressa essas características da condição juvenil, tais como, dinamicidade, multiplicidade, diversidade, fervor, etc. O *funk* se torna um produtor de identidades, não homogêneas como já foi citado anteriormente, mas influencia os jovens a agirem, falarem e se posicionarem como sujeito social de formas diferentes.

Os jovens também reconhecem outros aspectos comumente relacionados ao *funk*. A questão da sexualidade se faz evidente nas músicas e os jovens percebem isso, talvez não de forma espontânea, mas quando confrontados começam a pensar sobre tais questões, como aparece no seguinte trecho dito por Gabriel: *Não, só agora eu to pensando sobre isso, é que na hora, bah, tu só curte...*

A sexualidade, na maioria dessas músicas, aparece relacionada ao corpo, a práticas sexuais e ao prazer, exaltando o papel da mulher como “escrava” do sexo/homem. Durante a entrevista, Carolina canta o trecho de uma música onde a gravidez aparece como algo banal, *Vou largar de barriga* é o título da música mencionada, cantada por MC Carol e Parafuso. A jovem Pâmela cita o trecho *vô te comê, vou te comê* quando questionada sobre como a sexualidade é representada nas letras de *funk*, evidenciando uma maneira vulgar de se referir ao ato sexual, mas que no cotidiano deles soa como algo natural e até engraçado, como fica visível durante a entrevista através de risadas e comentários como: *aaah, eu acho normal e mas tem mulher que é assim mesmo...*, se referindo às formas pejorativas com que as mulheres são referidas em algumas letras de músicas.

Já a violência é referenciada em trechos onde citam tipos de armas de fogo e fazem menções às facções criminosas, porém os jovens pesquisados acreditam que mesmo as letras de *funk* que incentivam a violência não são capazes, por si só, de influenciarem na conduta dos jovens. Assim, como as drogas, que também aparecem em algumas músicas, como canta Carol para exemplificar *louco de maconha, louco, louco de maconha*, não são

suficientemente influenciáveis para que os façam usar. Porém, alguns dos entrevistados relatam que esses aspectos presentes nas letras de *funk* suscitam curiosidade em experimentar e vivenciar o que está sendo dito, mas de acordo com esses jovens, a curiosidade é momentânea, pois estão cientes dos riscos de uma vida nessas condições como explicita o seguinte trecho dito por Lucas: *De vez em quando o cara se sente influenciado, ah, tu vai ver uma pessoa fazer uma coisa e pensa: ah, ela tá fazendo uma coisa legal, mas daí tu vê que é ilusão o que tu tá pensando...*

A música é apreciada por eles pela batida, pelo ritmo e pela animação que causa. Dayrell (2002, p.131) aponta que “mais do que negar [o *funk*], é preciso aprofundar-se nos seus múltiplos significados”. Complemento que é necessário compreender os fatores culturais e sociais que levam a criação dessas letras e o consumo por tantos jovens, majoritariamente da periferia.

O consumo, atualmente tão presente nas letras de *funk* é outro aspecto levantado pelos jovens. Gabriel comenta durante a entrevista: “*funk ostentação é o que agora todo mundo tá escutando*”. Este tipo de *funk* valoriza e glorifica algumas marcas, tanto de roupas, tênis, como de perfumes, óculos, carros e motos. As marcas recorrentes estão na ponta da língua dos jovens e presentes em suas vestimentas e acessórios, ou pelo menos no imaginário de cada um. A música *As mina do kit*, cantada por MC Nego Blue é uma das mais ouvidas pelos jovens e expressa diversas marcas, como podemos perceber em dois trechos da música:

*tem Air Max, Flack Jacket, tem LuiLui, também tem Juliete, bolsa da Louis
Vuitton...
perfume é 212, tem Armany e também Big Blue, EckoRed Dolce&Gabbana, aí
fica bacana...*

Conforme a fala dos entrevistados, o incentivo ao consumo é o que mais toca os jovens. Marcelo afirma: *olha, eu uso converse (mostrando seu tênis), mas dá vontade de andar de Nike, Adidas*. As marcas mencionadas nas músicas os fazem, de fato, terem vontade de adquirir tais produtos. Porém, eles têm consciência de que alguns objetos referidos nas músicas são de difícil aquisição diante a condição de vida deles, como por exemplo, um carro importado. Além do apelo da música, existe a influência do grupo de convivência, que também utiliza roupas e acessórios das marcas mencionadas.

Querer se sentir pertencente a um grupo, usar roupas na qual se sintam bem e estar na moda é uma vontade não só dos jovens pesquisados, como também é uma moeda de felicidade na sociedade de consumo em que vivemos.

Não só o *funk*, mas principalmente a mídia televisiva sabe muito bem como influenciar os sujeitos a fim de que o consumismo seja latente na vida das pessoas. Flores enfatiza essa condição:

a indústria é um meio de subjetivação, pois através das imagens e paixões que ela estimula, os sujeitos se identificam e criam necessidades que, muitas vezes, não são reais e sim, criadas para se manter uma imagem idealizada pela publicidade (FLORES, 2011, p.23).

Assim acontece com muitos jovens que se mostram fascinado com os produtos e objetos referenciados nas músicas. Cria-se uma necessidade fictícia, onde o importante é “estar na moda”, usar os tênis que são mencionados nas músicas, ter a moto citada por algum MC. Mas é preciso considerar que esses desejos de consumo são momentâneos e podem mudar a todo instante.

5.2 ELES NÃO GOSTAM POR CAUSA DA LETRA DA MÚSICA – PONTOS CONFLITIVOS ENTRE O *FUNK* E A ESCOLA

O *funk* dentro da escola se apresenta como algo que perturba, causa incômodo, atrapalha. “A prática de ordenação, autorização e regulação que estrutura a escola pública é caracterizada pelo medo da diferença e da indeterminação” (GIROUX, 2009, p. 111). O *funk* dentro da escola se configura como a diferença, que se pretende evitar. A escola e os professores parecem ter o anseio de controlar os jovens, com o objetivo de moldá-los conforme seus valores e crenças. Há uma necessidade da escola, principalmente com os jovens, de guiá-los e formá-los corretamente para que não se desviem das boas condutas exigidas pela sociedade. Nesse contexto, o *funk* emerge como um caminho avesso ao esperado pela escola. Apreciar esse estilo musical vai à contramão dos princípios desejados pela escola, pois as letras presentes nas músicas não “acrescentam em nada”, cultivam a violência e comportamentos indesejados. “As músicas ouvidas pelos alunos parecem ter significados como

produtores de procedimentos incompatíveis à disciplina desejada na classe” (VALE e SALLES, 2010, p.378).

A não autorização do *funk* dentro da escola aparece como tentativa de negar a cultura juvenil e mais especificamente a cultura juvenil de classe popular, que desde sempre é discriminada pela sociedade. A escola parece querer “inculcar estereótipos e valores morais em oposição aberta às formas de vida das classes populares” (VARELA, 1992, p. 82), já que esta não é legitimada.

Mesmo não sendo permitido, o *funk*, como se pôde perceber durante as observações, aparece na escola. Os jovens criam fendas e utilizam estratégias para trazer a cultura deles para dentro da escola. Não há como separar a cultura juvenil da escola, ela está presente no cotidiano escolar, gerando conflitos e formas de resistência de ambas as partes. De um lado, os jovens resistem escutando *funk* camufladamente dentro da escola e até da sala de aula, reunindo amigos em espaços menos vigiados pelos professores e em momentos de maior liberdade, como na hora do recreio. De outro, a escola rejeita até onde pode, impedindo manifestações relacionadas ao *funk*, como por exemplo, uma apresentação musical com esse gênero e evitando que as músicas sejam escutadas dentro da escola.

Pude perceber isto claramente na época em que trabalhava lá. Em um passeio de final de ano, um grupo de alunos colocou músicas de *funk* para escutar dentro do ônibus, enquanto não chegavam ao local do passeio, mas foram ligeiramente vetados de escutar tais músicas naquele momento. Em outra ocasião em que presenciei uma tentativa de evitar a presença do *funk*, a coordenadora do Programa Mais Educação na escola solicitou que os alunos não assistissem vídeos de *funk* nas aulas de informática, pois caso acessassem o site *youtube* para esse fim, seriam excluídos do Programa.

A resistência por parte dos professores parece não intimidar os jovens, pois Lucas diz que escuta *funk* na sala de aula e explica como faz para o professor não perceber: “*Dou um jeito, fico quieto, abaixo a cabeça e fico escutando*”. Camila também comenta as estratégias utilizadas: “*a gente põe o fone e um capuz*”.

De certa forma, se torna compreensível que o *funk* seja reprimido pela escola, pois ele suscita ou pode vir a suscitar muitos elementos que a escola

prefere negar, silenciando. Mas a questão é que evitar que o *funk* seja escutado na escola não impede que eles o escutem fora dela. Essa resistência da escola para com a cultura do jovem de periferia, como mostra os dados obtidos, não se mostra eficiente no sentido de podar ou modificar a cultura dos alunos. Fora da escola, onde também passam grande parte do seu dia a dia, o *funk* vai ser escutado e incorporado na vida desses jovens.

O que me parece mais coerente é que a escola aceite a cultura juvenil do jeito que ela é e faça dela objeto de estudo e de discussões, buscando interagir e conhecer melhor os alunos que atende. A escola pode ser pensada como um espaço privilegiado de debates sobre as diversas manifestações e produções culturais, inclusive, se necessário, criticando-as e argumentando numa posição contra o estilo musical *funk*, mas também abrindo espaço para que os alunos argumentem e relatem os significados desse gênero musical em suas vidas.

No nosso contexto social, muitas vezes, a escola como um lugar de encontro é uma das poucas, senão a única possibilidade de lazer para os estudantes e é, ou deveria ser, portanto, um espaço de expressão da cultura juvenil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procurei articular juventude, consumo do *funk* e escola, analisando, a partir da perspectiva de cinco jovens, o significado do consumo musical do *funk* em seus cotidianos e principalmente dentro da escola.

A construção desse trabalho trouxe muitas reflexões e aprendizagens, tanto sobre a temática, como também sobre os modos de fazer pesquisa. Almejo que este trabalho possa vir a contribuir para a ampliação de discussões em torno do tema, com o intuito de desfazer alguns preconceitos em torno do *funk* e os dos sujeitos que o consomem.

Conforme a narrativa dos jovens entrevistados, o *funk* parece operar em seus cotidianos como fonte de lazer e alegria. Escutar *funk* os remete à diversão e à animação. Através da pesquisa, podemos compreender que o *funk* se relaciona com outros aspectos além dos comumente associados a ele,

drogas, violência e sexualidade. Ele se torna um elemento identitário, criando laços de pertencimento e produzindo novas formas de expressão. O consumo também se configura como elemento significativo, pois as marcas e objetos citados em algumas músicas influenciam os jovens a consumir o que está sendo dito, ou pelo menos desejar adquirir tais produtos.

A partir da pesquisa, também foi possível perceber que os jovens apresentam críticas aos temas abordados no conteúdo das letras de *funk*, mas em certas situações aderem ao conteúdo depreciativo das músicas como fica explícito na fala de Pâmela: *mas tem mulher que é assim mesmo...*

Em relação à escola, podemos identificar formas de rejeição e negação perante o *funk*. Os jovens entrevistados afirmam que muitos professores não permitem que eles escutem esse gênero musical. Gabriel comenta que os professores *não gostam, pelo palavreado, pelo modo erótico de falar*. Torna-se visível a tentativa de evitar que os elementos da cultura juvenil de classe popular, aqui especificamente o *funk*, sejam incorporados dentro da escola. Os jovens, por sua vez, resistem a essas interdições, criando estratégias para que o *funk* esteja presente também no espaço escolar.

7 REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **O problema de pesquisa** - como começar. 2003, 14p. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Texto didático).

CUSTÓDIO, Jusçara Madalena. "**470, é nós na fita!**": **práticas culturais e construção de identidades juvenis em uma periferia urbana**. 2011. 54 f. Trabalho de Conclusão de Especialização (Especialização em Pedagogia da Arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DAYRELL, Juarez. O rap e o *funk* na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p.117-136, jan./jun. 2002.

DAYRELL, Juarez. Juventude - produção cultural e escola. In: **Caderno do Professor**, Secretaria de Estado de Minas Gerais; nº 09, abril/2002.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

FLORES, Ludmila Dovizinski. **O rap e o funk na socialização dos jovens - um estudo de caso**. 2011. 42 f. Trabalho de Conclusão de Especialização (Especialização em Pedagogia da Arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GARBIN, Elisabete Maria . Identidades Musicais Juvenis nos Chats da Internet - um ensaio de análise. In: **III Seminário Pesquisa em Educação** - Região Sul, 2000, Porto Alegre. III Seminário Pesquisa em Educação - Região Sul/ UFRGS/PPGEDU, 2000.

GIROUX, Henry. Jovens, diferença e educação pós-moderna. In: CASTELLS, Manuel (org.). **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.p. 63-85

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, 1995.

GREEN, Bill, BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**, Petrópolis: Vozes, 1995, p. 208-243.

GUIMARÃES, Eloisa. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, p.199-208, 1997.

LOURO, Guacira L A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Escola básica na virada do século** : cultura, política e currículo. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1995. p. 64-69.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, p. 11-44.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, gênero e sexualidade: desafios para a educação escolar. In: MEYER, Dagmar et al (Orgs.). **Saúde, sexualidade e gênero** na educação de jovens. Porto Alegre, Mediação, 2012, p.41-48.

SILVA, Givanilson Soares da; SILVA, Renata Karla Dos Santos; FREITAS, Alexandre Simão de. **Cultura e música periférica na escola pública**: percepção dos professores quanto aos ritmos apreciados pelos alunos. Disponível em:<http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/cultura%20e%20msica%20perifrica%20na%20escola%20pblica%20percepo%20dos%20professores.pdf>. Acesso em: out. 2012.

VALE, Fernanda Feitosa do; SALLES, Leila Maria Ferreira. Jovens de perifeira, estilos musicais e cotidiano escolar. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 12, n. 2, p.365-384, jul./dez. 2010.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.6, 1992, p. 68-96.

VIANNA, Hermano. O *funk* como símbolo da violência carioca. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (org). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro – RJ: UFRJ; UFV, 1996, p. 178-187.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia T. (orgs). **Itinerários de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 (p.287-309).

8 ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Consentimento

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO**

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a/o universitária/o
_____, regularmente
matriculada/o no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

(ASSINATURA)

(nome por extenso do/a professor/a orientador/a)

Professor/a Orientador/a do TCC